

# Academia Portuguesa

LITERATURA, INFORMAÇÃO E DEFESA DA ACADEMIA

Propriedade da «Academia Portuguesa» (Constituenda)

## COLABORADORES

AGOSTINHO FORTES—Director da Faculdade de Letras  
SEKRA S PEREIRA—Professor do Liceu de Pedro Nunes  
HORACIO BENTO GOUVEIA—Professor do Liceu de Alcobaça  
ANTONIO MARIA LOPES—Professor e publicista

JOÃO DA SILVA CORREIA—Professor da Faculdade de Letras  
JARDIM DE MONTE-SÃO—  
SANTOS PEREIRA—Professor do Liceu de Viseu  
JOAQUIM S. JOCABETTY ROSA—Prof. da Escola Ferreira Borges

## Imprensa

### «O Corvo»

É este o título do interessante quinzenário, orgão da academia de Évora dirigido e colaborado por uma elite de estudantes do liceu daquela cidade. Ao colega, Leite da Costa, e seus companheiros de trabalho as nossas felicitações e ao seu novo jornal, que tem por effigie um estudante com cabeça de corvo, muitas prosperidades.

### «O Académico»

A par dos jornais académicos, «Alma Académica», «Arcádia», «Brado Académico» e «Alvorada», que singram com denodo nas manifestações de actividade académica, recebemos a agradável visita deste órgão da academia de Vila Real, que já enfileirou no movimento pro-congresso académico.

### «A Liberdade»

Ao lado das publicações académicas já citadas honra a nossa estante este importante semanário da Capital. Se aqueles são nossos irmãos gêmeos, *A Liberdade* é o afim mais próximo.

De índole acentuadamente política e feição desassombradamente republicana, escrito quasi exclusivamente por estudantes que gastam as calças nas mesmas toscas carteiras em que nos sentamos, *A Liberdade*, se a encaramos pelo amontoado do papel, é um semanário; se a olharmos pela elevação das ideias pelo rigor da expressão com que trata os assuntos é um grande jornal. Enfileira ao lado dos primeiros e dos melhores da sua índole.

### «O condutor de automoveis»

Também nos tem visitado ininterruptamente este periódico defensor da classe automobilística.

O seu numero do Natal é um verdadeiro hino levantado ás belezas da nossa pátria, mostrando, nos seus multiplos aspectos os panoramas das nossas terras.

### «Ala Esquerda»

Semanário de Beja, paladino dos interesses da terra alentejana, «Ala Esquerda» impõe-se como um órgão de propaganda e defesa do Alentejo.

### «Brados do Alentejo»

Entrou no 3.º ano de publicação este nosso colega que se publica em Estremoz.

O seu numero comemorativo, de 29 de Janeiro ultimo, marca uma etapa gloriosa na senda tortuosa da vida jornalística.

Com 64 páginas cheias de regionalismo brilhante, vivo, sadio, ilustradas com as fotografias dos alentejanos em destaque, «Brados do Alentejo» oferece-nos oportunidade para lhe enviarmos uma grande saudação repleta de sinceridade.

### «Imparcial»

Temos recebido este interessante semanário que se publica em Alcaer do Sal.

Com um bom aspecto gráfico e uma excelente e variada colaboração, é defensor dos interesses locais, sem por isso deixar de nos proporcionar uns momentos de agradável leitura pelo conteúdo que encerra.

### «A Vitória»

Setúbal, a linda cidade do Sado, tem neste jornal reunida a sua fina flor jornalística.

Pelo seu modo combativo e pela subtilidade de doutrina, o punhado de rapazes, que, lutam ardentemente por um ideal, tem da nossa parte uma grande admiração.

## O Uso da Capa e Batina

A discussão levantada á volta do inquérito iniciado pela «Academia Portuguesa» tem tomado tais proporções que também eu saio do meu habitual comodismo, para, qual mestre Pacheco, meter o bedelho.

Diz o Dr. Assis na sua engraçadíssima «Crónica de Coimbra» que, liceus de Coimbra, liceus e faculdades de Coimbra, usam a capa ilegalmente. Ora a capa e batina fosse o fardamento exclusivo da Universidade de Coimbra no tempo em que era a única universidade do país, está certo; que o palácio de Coimbra seja adotado como modelo pelos outros palcos métricos como principio de uniformidade também está certo; agora que queira estabelecer diferenças e privilégios entre estabelecimentos que em tudo são iguais é que é ousadia Dr. Pacheco.

\* \* \*

Aproveito esta pequena discordância para aderir ao inquérito, a todos os títulos interessante.

A capa e batina é a farda duma classe. Aquele que se orgulha de pertencer a esta classe deve empenhar-se por dignificar a sua farda.

Ora vestir aos meninos de dez anos, logo que entram para o liceu, uma camisinha preta, é banalisar a capa demais; e torna-la tão banal, que os alunos dos cursos superiores chegam a sentir por ela desdém, a ponto de a pôrem de parte.

Reservá-la só aos cursos superiores, deixa de ser fato de estudantes, mas sim dos estudantes da Universidade.

Em meu entender, modesto, bem sei, a capa deve ser usada só pelos alunos, ainda estudantes, que já teem o 5.º ano do liceu ou equivalente, e pelos dos cursos superiores; os primeiros sem mascote e os segundos com a fita da respectiva Faculdade.

Deixaria assim de ser um bibe de criança e todos os que a ela teem direito se orgulhariam de a envergar.

Avis de Sá.

\* \* \*

Ex.º Sr. Director:

O inquérito que o seu conceituado jornal anda fazendo sobre a capa e batina, é uma prova nitida do quanto a academia em Portugal se encontra desunida.

Porque é que não são todos por um e um por todos?

Porque em Portugal já não ha a unidade académica que havia no tempo do «Rancho da barqueija» de que nos fala o saudoso A. Barata,

O estado em que se encontra presentemente a academia em Portugal, é simplesmente lastimável.

Ainda bem que agora appareceu alguém que, com uma vontade de ferro, pretende fazer quanto possível, para que a academia de todos os recantos do nosso país se una num só tronco, como acontecia outrora.

Para a frente é que é o caminho, sr. Director, a missão é árdua, é espinhosa, mas o fim é nobre.

Um pedidolhe quero fazer, sr. Director, em poucas palavras, para lhe não roubar muito espaço, por que peço a publicação desta. É que não publique discertações de quem quer que seja sobre o assunto em questão, para não provocar disparates, como al-

### «Montijo»

Com a inteligente direcção do distinto advogado sr. Dr. Paulino Gomes publica-se em Montijo este interessante hebdomadário, defensor dos interesses do concelho do mesmo nome.

Nele podemos ler uma série de crónicas e artigos assinados, a maior parte, por cultos e valorosos académicos desta terra do Ribatejo.

guem tem feito, como por exemplo o sr. Delfim da Mota, de quem eu, aliás, sou amigo pessoal, porque a sua última carta não é mais do que um disparate.

Custa-me até a crer que ela tenha sido ditada pela sua cabeça assaz inteligente.

Simplemente: Voto no uso da capa e batina pelos alunos dos Insitutos, e portanto pelos frequentadores do ensino particular, ou voto. Mais nada.

Eu por mim, acho que todos os que não se dedicam a outra coisa senão a estudar, têm o mesmo direito, porque todos têm as mesmas despesas, ou estes até ainda mais do que os alunos dos estabelecimentos officiaes.

De V.

Braga, 12-II-933.

Davide Martins.

\* \* \*

Ainda do sr. Delfim T. da Mota recebemos a seguinte carta:

Braga, 14.

«Nunca foi meu costume esquivar-me a uma resposta, quando alguém se me dirige com uma pergunta. E foi por isso que não fiquei mudo quando «A Academia Portuguesa» pôs as suas colunas á disposição dos estudantes para que estes dessem a sua opinião acerca do uso da capa e batina nos I. E. N. Disse o que a minha razão me ditou, ponderei o caso sem facciosismo e concluí que esses alunos não deviam ter a regalia da capa pelos motivos que apresentei.

Como foi a isto que me chamaram, está cumprida a minha missão

Como, porém, uma N. R. me obriga a uma resposta, vou dá-la:

Quando eu falei nos estabelecimentos officiaes de ensino, queria referir-me ás Escolas Comerciaes e Industriais, mas visto isso elas já têm o direito do uso da capa.

Cá por Braga, a Academia do Liceu ainda não deixou sequer que os alunos das Escolas Comerciaes pensassem na capa.

Agora, quanto aos empregados de balcão e sapateiros, não usarem capa por uma razão de ordem económica, não acho muito justo. Precisamente por uma razão de ordem económica é que eles a usariam, porque uma capa e batina, embora fique mais dispendiosa que um fato também tem a vantagem de poder ser usada rôta, velhinha, aos dias de trabalho e ao domingo, em casa... como na rua, nos grandes salões, etc., etc.

E sôbre o assunto parece-me que disse tudo... quanto podia dizer.

Delfim Teixeira da Mota.

\* \* \*

### A Capa e Batina e «O Ponney»

Pela crónica do nosso illustre colega de Coimbra, José Assis Pacheco, publicada no ultimo numero tivemos o conhecimento da afirmação que «O Fixe das damas de Coimbra» fez a nosso respeito.

O nosso jornal não quer que os meninos da escola usem capa e batina, mas «O Fixe» precisa ser engraçado...

Este numero foi visado pela Comissão de Censura



# A Academia Portuguesa No PORTO

## Instituto Superior de Comercio do Porto

O Pôrto está constantemente a ser esquecido pelos poderes públicos. Aí em Lisboa, quando se legisla, raro é lembrarem-se do Pôrto e do Norte do País.

A influência da Capital quasi nunca se fez sentir para àquem de Coimbra, e, em matéria de Instrução e Assistencia, esta regra está constantemente a sacrificar-se.

Mas, já não falo agora na disparidade das verbas gastas com o Ensino Superior, de Lisboa, Coimbra e Porto (100.000, 30.000 e 10.000 contos respectivamente!)

Não. Já não falo em esquecimentos de que resulta beneficio para o tesouro público: Pareceria que tudo isto vinha a propósito da Faculdade de Medicina e do seu pretendido Hospital, ou do Hospital da Cidade—questões agora tam debatidas—assim como podia vir a propósito da Escola de Belas-Artes, da Faculdade de Engenharia ou do Instituto Industrial e Commercial.

Mas não. Estas considerações veem a propósito do Instituto Superior de Comércio do Pôrto. ¿Em que condições funciona esta escola?

Parece-me que não há ninguém capaz de responder, satisfatoriamente, a esta pergunta.

Havia um Instituto Superior de Comercio em Lisboa e outro no Pôrto, com organizações absolutamente idênticas, pois eram comuns.

Pensa-se em reformá-los e nisto parece que estavam todos de acôrdo. Sai a reforma: cria-se a Universidade Tecnica de Lisboa, transforma-se o Instituto Superior de Comércio de Lisboa, em Instituto Superior de Ciencias Económicas e Financeiras de Lisboa. ¿E o Instituto Superior de Comercio do Pôrto? Parece que se esqueceram dêle. Mas foi um esquecimento parcial, parecendo por isso que *levava água no bico*. Quanto ao futuro, nada. Quanto ao passado—diplomados e a diplomarem-se, mal já matriculados à data da reforma, consideram-se, como os antigos diplomados pelo I. S. C. L., licenciados em Ciencias Económicas e Financeiras.

E assim se tem mantido esta escola.

Publica-se um diploma legal que só fala nos licenciados pelo I. S. C. E. F. L., officia-se para Lisboa perguntando se aquilo também nos diz respeito, e, valha-nos isso, tem dito sempre que sim.

Mas um dia pode vir o não, o que é bastante desagradável.

¿Porque não se faz uma reforma idêntica no Instituto Superior de Comércio do Porto?

Mas uma reforma idêntica. Nomes pomposos, mas diferentes não interessam. O que interessa é um mesmo regulamento, as mesmas regalias e por conseguinte um nome idêntico.

Havendo diferença nos nomes e títulos, o Pôrto fica sempre prejudicado embora à primeira vista não pareça.

\*\*\*

Ainda agora no projecto do futuro Código das Falências—no art. 26, salvo erro—quando se fala da nomeação de *Administradores de falências* em Lisboa e Pôrto se esquecem dos diplomados pelo I. S. C. P.

E mais uma vez os alunos e o Conselho Escolar, dêste Instituto, officiaram aos Snrs.

## Notas soltas

O penultimo numero da «Academia Portuguesa» foi muito bem recebido nesta cidade, tendo-se esgotado rapidamente os exemplares postos á venda. Os assuntos palpitantes de que tratava, chamaram a atenção não só dos estudantes como do público em geral

\*\*\*

Quando o jornal saiu para a rua, fui informado de que o heroi do rapto da Rua da Alegria, furioso com a piada tinha empenho em desancar-me. Afinal, entre duas palavras e um café, Sua Ex.<sup>a</sup> acabou por achar piada ás piadas, acalmando logo os nervos.

A calma, é apanágio dos gigantes.

\*\*\*

Um amigo do raptado, logo que teve conhecimento da noticia, vendo arder as barbas do visinho, procurou-me para que eu não trouxesse á luz da publicidade, algumas das suas aventuras

Descanse que Roma e Pavia, não se fizeram num dia.

\*\*\*

O Campeonato Escolar de Foot-ball tem decorrido normalmente. Dos inscitos, apenas faltou o L. R. F., molestado com a diferente politica da Comissão Escolar. As dinastias G. e T. deram a alma ao Criador e isso confundiu-os. Trajam de luto pesado os aspirantes e Campeões.

\*\*\*

Encontrei-me há dias na mesa dum café com um estudante desportista, muito conhecido pelas suas *honestas* proezas.

Quando me retirei, chamei a atenção do criado para o assucareiro que ainda se lá encontrava. Detesto as confusões.

\*\*\*

O enfant Gaté do I. S. C. é um rapaz amável que várias vezes me tem proporcionado o inefavel prazer de saborear o maduro das suas propriedades durienses.

Com a noticia do rapto, as más línguas encontraram terreno para me criticarem apelidando-me de ingrato. Um desses simpáticos maldizentes, sempre com a lingua afiada para alfinetar os outros na ausência é proprietário dum hotel de primeira categoria, dedicando-se nas horas vagas a estudar o I. S. C.

Pela força das circunstâncias, hospedei-me na sua muito conceituada casa, durante oito dias no fim dos quais amarguei a conta. Desculpei por se tratar do cosinheiro de Jorge V rei de Inglaterra.

Mário Braga.

## Propagai e defendei a

## Academia Portuguesa

ministros da Instrução e da Justiça, pedindo para que na publicação definitiva do referido código das falências, se não esqueçam de que numa cidade que se chama o Pôrto, existe uma escola superior de estudos económico-financeiros: O Instituto Superior de Comércio do Pôrto.

Mas, se se esquecem?

Porto, Janeiro de 1933.

Virgilio Moreira.

## Prof. José António dos Santos

Foi a enterrar, no passado dia 2 de Fevereiro, o antigo director do Instituto Superior de Comercio do Pôrto, professor J. António dos Santos.

O Prof. J. António dos Santos que era natural de Coimbra, marcou como um exemplo, de quanto nele o trabalho e o saber, mesmo quando separados dos diplomas officiaes.

Tendo-se distinguido em Coimbra como analista veio para o Pôrto, para o antigo Laboratório de Higiene, que mais tarde passou a dirigir.

Em 1910, tinham-se tornado tam notórias as suas qualidades de quimico, que foi convidado para reger a cadeira de Industrias Quimicas, no Instituto Industrial e Commercial.

Com a fundação do Instituto Superior de Comércio do Pôrto, transitou para a nova escola que ajudou a criar, regendo as cadeiras de Análise Quimica, ao mesmo tempo que desempenhou as funções de director durante muitos anos

Acometido de uma congestão cerebral já não regeu nenhuma cadeira no presente ano lectivo, vindo a falecer na madrugada de 1 de Fevereiro.

E assim acabou, relativamente novo (contava 59 anos) uma grande figura de quimico e de autodidacta, a quem o Instituto Superior de Comércio do Pôrto, muito deve.

A toda a sua Ex.<sup>ma</sup> familia enviamos os mais sentidos pêsames.

## Do Liceu Alexandre Herculano

Houve quem visse, nas últimas informações que dêste liceu enviamos, uma ofensa nas nossas humildes palavras. Quando as escrevemos não houve em nós o intuito premeditado de ofender quem quer que fosse nem mesmo as ideias de cada um. O nosso único intuito foi o de estimular e incitar os nossos colegas á realização duma aspiração que, para os alunos do nosso liceu, tem um alto significado e importância, como é, a criação da «Associação Académica», organismo que terá o condão do estreitar, dentro do liceu, todos os alunos num ideal de união e solidariedade académica hoje tão corrupta e deturpada.

Foi, talvez, por isto que fomos censurados, censura até certo ponto admissivel.

Todos sabem que o esforço individual, hoje em dia, é quasi nulo e que só a reunião mutua em classe é capaz de obter os resultados por nós tam desejados. Pôrto isto, devemos dizer aos nossos colegas, que em nós nada fez esmorecer a ideia da criação da «Associação Académica do Liceu», e, por ella havemos sempre de pugnar inda que tenhamos a certeza de estarmos a pregar no deserto. Porque razão, caros colegas, não havemos de crear essa entidade?

Não temos nós o direito, mais que justo, de pugnarmos pelos nossos interesses que actualmente se encontram tam rebaixados e espezinhados até mesmo por colegas nossos aquém falta o senso comum que deviam ter porque são estudantes?

Decerto que temos. E, tendo, porque mo-



## Do PORTO

## Prof. Gomes Teixeira

E' bem certa a frase ouvida algures: «a morte paira sinistra sobre Portugal!». Vultos que bastam para definir uma pá ria vão caindo um a um na ladeira do túmulo, enquanto um sino tange com vagar ao som do ruir maquiavélico d'esses Homens que nos levaram bem longe nas asas da fama e da glória.

Ultimamente foi o prof. Gomes Teixeira, o sábio matemático se quizermos admitir a concepção do *sophos*. Quem não conhecia o nome do Reitor Honorário da Universidade do Porto, dêsse que nos congressos, longe de Portugal, quando a nostalgia é maior, em que a saúde aviventa as almas, tinha nas suas frases ressaibos de grandeza, para nos dilatar a alma, aumentando-nos o orgulho?! A sua obra, a sua vida, não é para ser posta em relêvo, pela minha pena. Apenas levanto um hino de saúde que invade a alma da Academia do Porto, para Aquele que a Parca nos roubou, dormindo o tão cantado sono eterno.

Morreu Gomes Teixeira!

Esta frase rude e cortante como a lâmina fina dum punhal ficará ecoando longo tempo na aragem morna dos nossos pinheiros, no verde das nossas montanhas, no esplendor das nossas auroras, na poesia dos nossos crepúsculos.

Gomes Teixeira, o sábio, pertence ao batalhão daqueles que a saúde evoca a cada passo! Vi-o ainda no seu último leito e, dos seus lábios parecia sair a frase amiga para os seus alunos. Senti o peito contrangido, porque dentro daquela sala da velha «Universitas» pairava, perante o meu espírito deslumbrado e vergado ao peso duma força oculta, a alma do Grande Mestre. Sim, Ele não era um mestre daqueles que a obra do acaso levou um dia até á cátedra. Não, Ele era um astro rutilante, um nome de sagrada pronúncia!

A Faculdade de Ciências perde a sua coroa de glória e poderão decorrer anos que o espaço em branco, agora aberto, tão cedo será preenchido.

Gomes Teixeira vive ainda!

Vive e viverá eternamente na memória daqueles que o conheceram e o seu nome passará á Posteridade, e a sua alma ficará dominando pelas bibliotecas nacionais e estrangeiras, onde as suas obras perpetuarão ao mundo científico.

## a Grandeza do Sábio Lusitano.

Que descanse em paz no humilde templo da sua terra natal, onde as almas ingênuas e puras das creancinhas saberão derramar, de quando em quando, as pétalas de algumas flores. Elas terão no seu espírito, a desabrochar para a vida, a ideia de que aquele túmulo é de Alguém.

Porto, 17-2-33.

Abel Varela e Seixas.

tivo não havemos nós de empregar o melhor dos nossos esforços na aquisição das nossas justas aspirações?

«A união faz a força» diz o velho provérbio.

E', pois, necessário que todo o estudante de boa vontade se esforce por congregar os colegas em torno da mesma causa que, neste caso, é comum a todos os que frequentam o nosso liceu. Criando a «Associação Académica» teremos um organismo de defesa de classe; portanto, rapazes, para a frente é que é o caminho!

Saiamos da apatia que nos envolve e mãos á obra sem originar atritos que, nestes casos, são sempre prejudiciais.

Maximiano Pombo Cirne.

## A festa da "Solidária Rainha Santa Isabel" no Liceu D. Filipa de Lencastre

No dia 8 realizou-se no Liceu D. Filipa de Lencastre uma encantadora festa em que a alegria e a beleza predominaram.

Do programa constavam umas recitações e um pequenino auto, fechando a tarde com um baile.

Na recitação distinguiu-se a aluna Helena Alves que declamou duma maneira requitadamente pura a *Adoração* de João de Deus.

Também num frances muito correcto, muito belo e cheio de frescura, a aluna Elvira Delfim recitou *La belle au bois dormant*.

No auto *Rosas Bravas* de Afonso L. Vieira imprimiram um cunho artistico as alunas Aurora Lemos (Rafael), Maria da Graça (Leonor) e a que fêz de *Pastor*.

A «Valsa da meia-noite» também foi bem dançada por um grupo de colegas.

## Nucleo de Propaganda Educativa

Nas suas visitas de propaganda educativa foi dispensada ao N. P. E. uma cativante recepção em Pinheiro de Loures.

Chegados á Sociedade Filarmónica desta risonha terra, o sr. Dr. Gomes dos Santos numa breve conferencia explanou os principais objetivos do N. P. E., especialmente, a organização de cursos de ginástica e jogos educativos, de música e canto coral, visitas aos museus e monumentos, a criação de bibliotecas infantis e populares, etc.

Esta obra já está sendo realizada na capital e vai estender-se aos concelhos do distrito de Lisboa e á provincia. O sr. Dr. Gomes dos Santos também advogou a criação duma escola do sexo feminino em P. de Loures o que constitui uma aspiração legitima desta povoação.

Ao «Porto de Honra» os srs. Presidente da Soc. Filarmónica de P. de L. e o Presidente da Camara de Loures, saudaram os dirigentes do N. P. E. e agradeceram a dedicação e a solicitude que os «Novos de Portugal» estão manifestando pela educação do povo, ajudando a extinguir o cancro do analfabetismo.

Foram trocados entusiasticos brindes com a saúdação do N. P. E. «Mais alto e mais além!»

## "MALDIÇÃO"

Viver, preguntarei, mas para quê?  
Se na vida jamais eu tive sorte,  
Eu quero descançar, depressa venha a morte;  
Viver é bom p'ra quem na vida crê.

Olho em roda, só vejo a hipocrisia.  
A mentira, o cinismo e a vaidade.  
Por isso eu amo a morte e odeio a vida,  
Odeio o amor, odeio a humanidade.

Se tenho sido sempre um vagabundo,  
Sem mão, amiga que me guie p'lo mundo  
Há muito já que as ilusões perdi

Ancioso espero a hora de morrer,  
Já não tenho coragem p'ra sofrer  
Maldita seja a hora em que nasci.

João Nó.

## "Diário Liberal."

Ainda não reapareceu este diário republicano da manhã que, por dificuldades financeiras, suspendeu a sua publicação.

Triste lição para quem se sacrifica por um ideal... Muito boa vontade apregoadá, e muito idealismo. Tudo isto na prática, não se lhe dá a importancia de três tostões.

## Ping-Pong

## Campeonatos Escolares

A Associação de Ping-Pong de Lisboa organizará este ano Campeonatos individual e colectivo entre estudantes. Breve deve abrir a inscrição. E' de esperar larga concorrência...

## Taça Academia Portuguesa

A pedido de alguns colegas baixamos para 2050 o preço da inscrição nesta prova prolongando o respectivo prazo até 6 dias depois da saída deste aviso, devendo inscrever-se para Calheiros Viegas—R. da Escola do Exercito, 30—Lisboa, enviando a indicada quantia.

## Campeonato de Direito

Com grande entusiasmo e numerosa assistência realizou-se nos passados dias 15, 16, 17 e 18 de fevereiro o Campeonato Inter-anos da Faculdade de Direito. Eis os resultados tecnicos desta interessante prova:

1.<sup>a</sup> eliminatória—Terceiro bate Quarto por 5-0 (10-2)

Calheiros—França 21-3, 21-14  
Honório—Peixoto 21-6, 21-13  
Gago—Eurico 21-11, 21-23, 21-14  
Calheiros—Peixoto 21-18, 21-18  
Honório—Eurico 21-12, 14-21, 21-16

Arbitraram bem Mário de Oliveira (1.<sup>o</sup>) e José Serêto (1.<sup>o</sup>).

2.<sup>a</sup> eliminatória—Primeiro bate Segundo por 5-0 (10-3).

Ferreira—Maldonado 21-16, 21-6  
Serêto—José Maria 18-21, 21-13, 21-19  
Mário—Ataide 21-11, 21-15  
Ferreira—José Maria 21-14, 12-27, 21-13  
Serêto—Ataide 21-16, 22-23, 21-13

Arbitrou imparcialmente C lheiros Viegas (3.<sup>o</sup>).

Apreciações. Nas eliminatórias os favoritos venceram com relativa facilidade apenas havendo a notar, entre os vencidos, a resistencia de Eurico (4.<sup>o</sup>) e José Maria (2.<sup>o</sup>) obrigando a jogos de desempate e também os bons resultados de Ataide (2.<sup>o</sup>) sobretudo contra Serêto.

Final:—Primeiro bate Terceiro 5 a 2

Ferreira bate Calheiros 13 21, 21-11, 21-11  
Serêto bate Honório 23-21, 21-19  
Mário bate José Gago 21-15, 21-5  
Calheiros bate Serêto 19 21, 21-11, 21-9  
Mário bate Honório 21-16, 21-16  
José Gago bate Serêto 23 21, 21-18  
Mário bate Calheiros 21-19, 21-16

Apreciações. Mário de Oliveira continua mostrando-se o melhor jogador da Faculdade ainda que a pequena distancia de Simões Ferreira e Calheiros Viegas, José Gago, Honório e Serêto num nivel equilibrado. Os jogos de Serêto foram os mais interessantes de seguir. Mário jogou sempre muito á cautela, demais mesmo. Gago quando jogou contra Mário exagerou a despreocupação habitual.

O Campeonato Individual da Faculdade de Direito realizar-se-há em Março.

Manuel de Quental.

## Especialização no ensino moderno de línguas

## INGLÊS, ALEMÃO E FRANCÊS

Avenida da Liberdade, 224, 1.<sup>o</sup> Dt.

LISBOA



# "TEEM A PALAVRA AS RAPARIGAS"

Direção de: LUCILA MARIA

## Raparigas modernas

Nós outras, raparigas, não devemos tomar a palavra "modernismo" na acepção em que muitas a tomam.

—Essas bonequinhas modernas, como eu lhes chamo, não pensam senão em futilidades, falam sómente de toilettes e procuram obedecer cegamente a todos os caprichos que a Moda, essa rainha tão caprichosa e volúvel, dita a cada momento.

Pintam o rosto e a alma porque mascaram todos os sentimentos nobres que por ventura nelas existam com uma camada de hipocrisia, receando que esses sentimentos visitem a troça de estranhos que os classificam de antigos e impróprios de raparigas que vivem verdadeiramente a vida do século XX.

Falam de tudo, criticam todo o mundo, e no tempo que lhes sobra destas variadas ocupações aborrecem-se e acham a existência insípida e monótona.

Pois se elas a não sabem aproveitar e compreender!...

Não pretendo de maneira nenhuma, que as raparigas de hoje deixem de ser mulheres e desprezem tudo o que é Belo e Sublime.

Oh! Não! Sejamos mulheres acima de tudo, mas mulheres como convém que sejamos, acompanhando as necessidades e o progresso do nosso tempo.

Lembre-mos que as jovens de agora serão as mãis, as educadoras das gerações de amanhã, e que, do bom ou mau desempenho do seu futuro papel, resultará uma sociedade boa e culta ou uma sociedade corrupta e má, um maior desenvolvimento ou uma depressão desse mesmo desenvolvimento.

São as mãis que moldam, por assim dizer, o carácter dos filhos, são elas que gravam e insuflam nos seus cérebros tenros e pequeninos todas as ideias todas as crenças.

Mais tarde, quando chegam as vicissitudes e lutas da vida, os ensinamentos e as ideias dadas pelas mãis veem como que a superfície, emprestando uma maneira de pensar e um cunho característico de cada indivíduo.

Sendo assim, a tarefa da mulher torna-se pesadíssima não só pelas responsabilidades que acarreta mas também pela dificuldade

em a desempenhar.

A maior parte das raparigas modernas, de futuro, serão apenas bonitas "bibelots" a enfeitar a rua, frágeis bonequinhas mundanas, frívolas, superficiais; logo que se retiram do meio em que estão habituadas a viver, morrem e estiolam-se, como as flôres delicadas, das estufas, quando lhes falta o ambiente tépido em que nasceram e cresceram.

Poderão ser tudo, menos boas mãis e boas espôsas.

Se elas gastam a vida a fazer visitas, a pensar nos mil e um afazeres da mulher chic, que se presa de o ser, a comparecer em lugares onde a sua presença é indispensável, se passam horas na modista a preparar os vestidos com que hão-de deslumbrar as amigas, e como podem dedicar-se ao seu lar, torna-lo atraente e agradável? Nunca, nunca se conformariam com tal.

Portanto, é preciso preparar a mulher, cuidar da sua educação moral, prestar-lhe mais carinho e apoio do que se lhe tem prestado, enfim, deve-se-lhe facilitar o seu desenvolvimento, desperta-la do letargo em que até agora têm vivido!...

Não é querer elevá-la ao nível do homem nem tão pouco fazê-la competir com ele em todos os ramos da actividade humana. Para a mulher não se tornaria isto impossível, mas o homem que é um *bichinho* em geral muito egoísta e cioso do seu poder, veria com maus olhos essa invasão nos seus domínios.

Ora eu acho, que à mulher é mais dignificador governar-se com doçura, mandar-se com a força, que dá a fragilidade e a fraqueza, natas na mulher.

Todas as raparigas devem compenetrar-se do seu dever, esforçar-se por bem cumprir a sua missão, não esquecer que são mulheres e encarar a vida que lhes está reservada não pelo prisma enganador da ilusão, mas pelo da realidade que é sempre verdadeiro; e, atingidos estes objectivos, podem então considerar-se verdadeiras raparigas modernas!...

Adélia Cabral Gomes da Costa.

Coimbra, Fevereiro de 1933.

## Saúde

*Amor querido: Só para ti vão  
As linhas que aqui traço com saudade  
—Palavra toda luz, toda bondade  
E companheira do meu coração.*

*Tenho saudade do arcal doirado,  
Do mar azul, meu berço que eu adoro...  
Por isso o meu pensar aqui demoro  
Para viver as horas do passado...!*

*... E vejo, ó meu amor, o seu poente,  
Descer com lentidão, talvez doente,  
Para afundar-se lá, no outro lado...*

*Pois é assim que desce o meu pensar:  
Com lentidão, com pena de acordar,  
Com saudade dourada, do passado!*

Lucila Maria.

Jaqueline

## As raparigas portuguesas e os pessimistas

(para uns certos e determinados alguém...)

Eu sei de *alguém* (sei mesmo de vários *alguéns*) que, numa grande má-vontade que eu não consigo atingir, se comprazem em dizer que as raparigas portuguesas não sabem conversar, que as raparigas portuguesas não sabem pensar...

... e só as estrangeiras são instruídas e só elas são inteligentes...

Descansem. Eu não esqueci a vossa frase:

—Você é uma excepção.

E eu repito o que disse a um *alguém* naquela matineé em que fez o sacrifício de dansar várias vezes...

Porque... Lembra-se?

«Gosta de dansar!»

—Eu gostava, gostava, mas era preciso que as raparigas portuguesas soubessem conversar e sustentar conversas. Assim não. Acho desagradável...

E eu torno a dizer-lhe que sou uma excepção muito regra geral.

Dentre várias raparigas que conheço vejo-me numa igualdade, tão monótona, tão paralela que não me posso considerar, nem me considero, superior a nenhuma delas.

E, portanto, ou vocês encontram excepções a todo o momento, ou são muito justas nas vossas classificações.

—Banalidade. Insignificância. Bonecas pintadas. Sempre o mesmo: Insignificantes hoje. Insignificantes ontem.

(A'manhã?... Ainda não sei a opinião de vocês.)

E esquecem lamentavelmente que esta Boneca se chamou Rainha D. Isabel Púbia Hortência de Castro e Paulo Vicente;

Que foi irmã de D. João III, aquela Infanta D. Maria que se correspondia com o Papa em grego e latim;

Que se chamou Mariana de Lencastre, M.<sup>me</sup> Itail, Caroline Micaélis, Carmen Marques;

Que se chama Virginia Vitorino, Susanne Lenglen e Ruth Eldes.

E quantas? Quantas que eu não nomeio?

E quantas de quem eu nem sei os nomes e que nunca o saberei!

... que ela não sabe conversar nem pensar...

... ela sabe no entanto rodear vos de todos os cuidados. Sabe adivinhar os vossos pensamentos. Sabe aconselhar-vos e sabe querer-vos muito. Sabe ser a vossa irmã, a vossa Mãe!

Não sejam pessimistas à-cêrca-das raparigas portuguesas! Não sejam injustos!

Se há de facto algumas que apenas procuram imitar as expressões perturbantes e por vezes disparatadas duma wamp em moda e apenas gostam de vos falar dum Maurice Chevalier ou dum Ramon Novarro...

Quantos rapazes—como um de vocês me confirmou—não têm por único objectivo descobrir o dia de anos duma Lupe Valez e enviar declarações de amor às Janets Gynors e Brigittes Holmes que eles admiram no cinema, que desejariam poder visitar, com quem sonham a todo o momento?

Defeitos todos têm.

Por que motivo hão-de vocês—esses que para com um pouco superiores—de caprichar em dizer unicamente mal das raparigas, destas raparigas do nosso tempo que procuram—sem ser excepções—vir a ser alguém, vir a ser, pelo menos, úteis a si próprias.

Nézita.

FRANCEZ

Dá lições

Em cursos de 2 alunos

35\$00 por mez — Resposta

Rua Actor Taborda, 27-2-E

## Uma nova colaboradora

Com um artigo intitulado «Raparigas modernas», inicia hoje a sua colaboração, uma ilustre colega de Coimbra, que vem, com o seu espírito culto de rapariga verdadeiramente moderna, enriquecer as colunas da nossa pagina, e mostrar os seus ideais.

E' para mim um prazer inextinguível, quando uma rapariga manifesta vontade de trabalhar intelectualmente, de desfazer os erros, em que a maior parte da juventude feminina vegeta.

Há tanto que dizer!... As horas que nos sobram das ocupações habituais podiam ser empregadas em tantas obras úteis, se as raparigas se unissem para trabalhar como se unem para organizar bailaricos!...

Era tão interessante que todas comungassem no sublime ideal de serem úteis à Humanidade!...

Tenho em vista vários trabalhos. Mas... falta-me o melhor, quem queira colaborar comigo.

Adélia Cabral Gomes da Costa! acredite na sinceridade do meu agradecimento, e conte em ouvir dentro em breve os grandes projetos da:



Direcção de:

Jorge Antunes e  
Telmo Felgueiras

# Gente Nova

Secção cultural, artística, desportiva e cinematográfica

Redactores:

Azinhal Abelho, Penaforte Costa, J. Maria Atayde e Pimentel Barata.

## A NEVE

Todos nós temos um idolo: o Jorge Antunes as mulheres, o Azinhal Abelho o optimismo, o Penaforte o desporto, o Athayde o nudismo, isto dentro da "Gente Nova", e cá fora uns a Joan Crawford, outros o *lawn-tennis*, outros as modas, outros a politica e assim indefinidamente. Actualmente, notem bem, *actualmente* o meu idolo, a minha grande ambição, a idea que predomina no meu cérebro, que me seduz é a idea da Neve, dos Desportos da Neve.

Eu quero ser forte, resistir á tentação, não pensar na Neve mas não me deixam.

Se vou ao cinema logo na "Revista Mundial" aparece uma rapariga a patinar na Neve, e ela salta, e ela vira-se e revira-se, com elegancia, com beleza, com estética.

Abro "le Miroir du Monde" e logo em "gros-plan", uma fotografia com esta legenda: "*Le lac du Bois de Boulogne, patinoire éphémère des parisiens*". Nas "Sciences et Voyages" uma reportagem intitulada: "*A l'assaut des Pics et des glaciers inacessibles*". No Ilustrado descrições das paisagens da Neve. Passa-me pelas mãos "Le Miroir des Sports" e a Neve lá está elogiada e retratada. Num catalogo de fotografias de Arte uma jovem encantadora com o seu fato de alpinista, "*tout emmitouflée de laine, le visage serré par une toque de fourrure et quelque piolet á la main*". Se passeio na Baixa deparo com a montra da Casa das Meias, ou melhor, deparava e lá via manequins com fatos de desportos de inverno e *skis* ao ombro.

A Neve, a loucura da Neve.

Só penso nela e em todos os instrumentos que lhe servem de complemento: o *ski*, os patins de gelo, o *slalom*, o *tobogganing*, o *luge*, o *stembogen*, o *skeleton*, o *bolsleigh* e o *bob* sem *sleigh*.

A Neve atrai-nos, a Neve chama-nos, a Neve purifica-nos.

Raparigas: em vez de queimardes o vosso coração com chamuscas de amor ao lerdes um romance dum senhor Adolphe Poiriné ou doutro senhor francês qualquer sem ser Poiriné, ide antes *glissar*, tornai-vos *skieurs* e no vosso coração extinguir-se-á o incêndio. A Neve esfria suficientemente todas as afecções cardíacas. E' um *calmocardíaco*.

Raparigas: já reparastes como são gordas e anafadas de mais as vossas mães, tam gordas, tam gordas que chegamos até a ter pena das cadeiras em que elas se sentam.

E são assim porque nunca *glissaram*, nunca deram cambalhotas na Neve, nunca se afundaram até aos joelhos na Neve, na

branca Neve, na pura Neve, porque também nunca praticaram nudismo.

A propósito, vou fugir um pouco á conversa para vos recomendar uma coisa. Não deixem de ir contemplar e reflectir sobre a beleza do NU no film "A Ave do Paraíso". Devia ser exibido nas vespertinas da vossa partida para as praias.

Cultivar o NU é purificar a raça, logo é engrandece-la. "A Ave do Paraíso" é um exemplo, uma amostra, uma chamada.

Reparem os moralistas que este film, apesar de vermos uma mulher nua, não é escandaloso como tantos outros que nesta epoca para aí têm sido exibidos.

Uma prova mais de que praticar nudismo não é fazer escandalo.

Voltemos ao assunto. Continuemos a falar da Neve.

Os vossos papás são a mesma coisa. Se os estribos dos carros electricos falassem muito tinham de que se queixar.

Raparigas: o Olavo já disse na "Imagem" que uma das razões da não fotogenia das portuguesas é a sua exagerada largura de ancas. Praticai desportos para corrigir defeito. No inverno, desportos na Neve. Reduzi-las-eis assim, e então já vos podemos chamar fotogénicas, e é esse o vosso ideal.

Eu gosto de tudo quanto é puro: das mulheres, das Artes... e da Neve. A Neve está para mim assim como a perna da Miriam Hopkins para o Dr. Jekill no "Medico e o Monstro". Nenhum de nós tem mau gosto. Ambos escolhemos bem.

Eu falo assim tanto de cinema porque é a vocês, raparigas cinéfilas, que eu recomendo os desportos de inverno, os desportos da Neve. Não é só respirar o ar semi-viciado dos cinematografos é também respirar o ar puro da Serra da Estrêla.

E' preciso que possamos traduzir estas frases de ensinamento: "*Les corps en avant! Les genoux fléchis! Les bâtons en arriere! Chassez-neige! Ne pas tomber! Tout se poid du corps sur le ski extérieur! Couragez mademoiselles!*" Para isso tornai-vos *skieurs*.

Vou pôr ponto final na conversa. Peçovos por último que façam o possível por ir praticar desportos na Neve. Faz-vos bem. Aquela *pose* que vós sustentais, enfatuadas e presunçosas no Chiado desaparecerá no fim do primeiro trambulhão. E depois então é que o Chiado é simpático. Depois então "*il est charmant*",... e vocês também.

Beija-vos, leitoras bonitas, o

Telmo Felgueiras.

## Na Estante

### As três mulheres de Sandão

No turbilhonar incessante dos tempos que vão correndo, neste crescendo angustiôso de veleidades utópicas, em que a humanidade se debate, aparece de quando em quando alguma coisa que nos lembra os tempos áureos da nossa literatura, onde a vernaculidade e o bom senso perduravam. E' o caso dum bom livro, assinado por um mestre, que é esperado com uma ansiedade natural e visível.

A propósito da publicação, há poucos dias, de mais um trabalho do grande e excepcional escritor que é Aquilino Ribeiro, onde o seu poder descritivo nos faz reviver um dos quadros mais frisantes que a história nos tem apresentado, a vitória do feminismo, numa época tão perturbada como aquela em que os hebreus se encontravam no tempo dos juizes, forçoso é dizer, em traços largos, as impressões que senti.

Das duas novelas que o compõem, não me agradou inteiramente a segunda, onde apenas há uma belêza fugidia, e um pouco desconexa, de simples factos de observação.

A primeira novela é propriamente descritiva, e a segunda doutrinária.

Na primeira a cõr local foi bem observada, e o escritor escolhe para o seu tema um assunto que verdadeiramente se liga aos costumes rudes e simples dos aldeãos, cuja vida êle tão bem conhece, e que nos tem sido patenteada através das suas obras.

O autor sente-se á vontade no caminho por onde envereda.

O segundo capitulo é encantadõr, e nêle há divagações subtis e coloridas.

Só a traição e a perfidia podem reduzir a inútil a força e o vigor. A conversa dos emissários fólisteus com Dalila, que êles conseguiram subornar, mostra numa pequena frase a falta de actividade, no campo da politica dos hebreus: «—Não, minha santa, os sufêtas o que teem é qualidades que em Israel ninguém abarca: vista e memória politicas». (pág. 122-liv. cit.)

A parte final tem ritmo e magnificencia.

A segunda novela ataca levemente o regime de propriedade, e o atrazo manifesto das sociedades provincianas, estilo «pres».

Nela não há em tão alto grau a vernaculidade nem a marcha compassada e isócrona da primeira. Peca um pouco por falta de coesão e encadeamento lógico. Aninhas, que, supponho eu, devia marcar um lugar de mais importancia, desce a um tal plano de inferioridade, que apenas fugitivamente se apercebe.

A personagem principal parece-me mais um sáiro, do que um homem capaz de compreender a paz remansosa do meio campestre.

E' uma pessoa que não pensa aplicar ás exigencias práticas os conhecimentos intellectuais de que o seu cérebro está eivado.

O conjunto no entanto é excelente e faz-nos crêr que não será esta a ultima manifestação duma pena tão vibrante e flexível como a de Aquilino.

Joaquim Candido da Fonsêca

## Je suis rumé...

Depois dumas pequenas férias de carnaval, provocadas pela massadora gripe, que levou muitos colegas á cama, reabriram já alguns liceus, que, por êsse motivo, suspenderam as aulas.

O estado de saúde de alguns pedia mais uns diazinhos de abato e descanso para completo restabelecimento.

Oxalá a tosse que ainda os ataca não amente.

## PEDAGOGIA

Ali para o lado das Avenidas Novas, há um certo professor de latim que nesta altura do ano ainda está ditando a gramática em apontamentos aos alunos, sem que tenham feito a leitura ou a análise de uma linha.

Por motivo de coerência, limitamo-nos, por agora, a chamar a atenção dos directores da escola. Se esta advertência não bastar, chamaremos a atenção dos pais e encarregados da educação dos alunos.



# "GENTE NOVA"

## A' Rosa Brava, a uma pega e á lagartixa

A redacção da Gente Nova, é uma redacção nova, novíssima, super nova. Há-de ser também uma redacção no futuro, portanto, é presentemente uma redacção futurista.

A sala onde está instalada, não é quadrada, é comprida, logo, não pode ter o feitiço dum cubo. Ainda bem! a nossa redacção não é cubista.

\*\*\*

Os rapazes de «Gente Nova» agora são só rapazes; mas no futuro, hão-de ser homens; Os homens do futuro são homens futuristas, logo os rapazes de «Gente Nova», são homens futuristas

Vocês naturalmente querem saber quem são os homens futuristas de «Gente Nova»? Ei-los:

\*\*\*

Telmo de Felgueiras:

Telmo o nosso Telmo, é um futurista de verdade. Um rapaz novo. Tem além disso o condão de ver as coisas através de prismas e pirâmides, com muitas faces e arestas, donde a cor sai irradiada muito diversa do natural.

E', por isso, um futurista horizontal,

futurista vertical  
futurista obliquo  
fu-tu-ris-ta dis-per-so

futuristajunto com LETRA GRANDE minuscula etc etc.

\*\*\*

Pimentel Barata:

Conhecem-no concerteza. Ah! não conhecem?

Então eu apresento.

Sr. João da Gama Pimentel Barata, e os srs. leitores de «Gente Nova»

Voz de Barata muito grossa e muito cavernosa— MUITO PRAZER

Agora que o conhecem estão a ver. O'culos de tartaruga, trincheira clara irrepreensível de aseoio, metódico, calmo e super sensível na intelligencia.

Particularidades: tem o dedo mínimo, dum das mãos (creio que a direita) encolhido.

E' na ciencia, o que há mais de futurista, muito do presente e muitissimo do passado. Guarda no cérebro coisas insignificantes, pequeninas, ínfimas da instrução primária, dos primeiros anos do liceu, que nem vocês calculam!..

E' um barra futurista-cientifico.

Jorge Antunes:

O Jorge é o detentor de maior numero de sorrisos femininos na redacção. Além disso, como parece estar indicado, é ele que atende as raparigas, quer pessoalmente, quer particularmente.

E' também um grande atractivo de «gente nova». No dia da saída do jornal, é ver a avidez do sexo fraco, a ler os seus artigos e a querer descortinar na mais insignificante virgula, a palavra AMOR.

Para lhes provar o grande partido das raparigas, pelo Jorge, vão a uma reunião feminina, onde se encontre o nosso director. Vozes de todas as beldades femininas percorrem a escala musical dizendo:

OH JORGE—Você é gentil Jorge—São favores Jorge—não faz mal Jorge—diga, diga Jorge—está tão engraçado o Jorge, etc.

Gosta muito de praticar o sport do amor, mas não é humorista.

\*\*\*

Pereira de Athayde:

Matemático, com todos os sinais de mais

e menos

2 horas por semana para se dedicar ao jornal, mas duas horas precisas, exactas, isto é 120 minutos, 7200 segundos certos.

Finge não ligar às raparigas, no entanto, a página feminina é uma das suas preocupações. Talvez seja por causa da directora?!

Nudista acerrimo. Defende todas as teorias possíveis e imaginárias sobre esse assunto.

Sobre o nudismo é um futurista.

Além disso, vem a ser um engenheiro do futuro.

\*\*\*

Penaforte Costa:

Desportista como aqueles que são. Todos os anos vai para a Costa do Sol, para queimar a pele das Costas, e... para ser elegante.

Uma coisa: Tem a pele tão queimada, tão fraquinha, que já lhe chamam o Pele Fraca nas Costas.

E' também dentro de «Gente Nova», quem usa mais algodão nos ombros do casaco.

Particularidades: —tem o retrato exposto nas montras do Grandela em 8 posições diferentes, que lhe custaram 7\$00

\*\*\*

Azinhah Abelho:

Sou Eu já

Carnaval 33 Já

## ESCOLA MINERVA

Os alunos da Escola Minerva ofereceram um «Porto de honra» ao seu novo Director, sr. Dr. Faria Rocha, que decorreu muito animado. Iniciou a série de brindes o aluno do 7.º ano de ciências, sr. António Gonçalves Pinto, que agradeceu, em nome dos rapazes da escola, a maneira afável como são tratados pelo seu director, seguindo-se no uso da palavra o aluno, José Raimundo, do curso comercial e a aluna do 4.º ano do liceu, Florbela, que proferiu uma ligeira mas elevada oração.

Felicitemos os alunos pela simpática homenagem e o Dr. Faria Rocha.

O sonho é o dominio da loucura dentro da razão.

Rodrigues Miguéis.

## A gripe em Coimbra

A Academia de Coimbra, desejando combater a gripe, cortou o badalo á «CABRA» certa de que não teria assim que apanhar o ftio da manhã de 21. Por inadvertência não fizeram a mesma operação ao «cabrito» que berrou em duplicado.

## "Pipineira."

Subordinado a este titulo, recebemos original da Academia de Braga, que publicaremos, oportunamente, correcto e aumentado, pedindo desculpa da demora.

## SENHORA

Ensina a lingua franceza, por preços

módicos

R. Barão de Sabrosa, 176-1-E.

## S. Ex.ª o Sr. Ministro da Instrução visita o Instituto Industrial de Liboa

Foi hoje inaugurada no Instituto Industrial de Lisboa, á Rua de Buenos Aires, pelo sr. Ministro da Instrução, Dr. Gustavo Cordeiro Ramos, a exposição de material didático comprado com as disponibilidades financeiras obtidas com a recente reforma do ensino técnico médio industrial e comercial, tão brilhantemente realizada pelo titular daquela pasta.

O sr. Ministro da Instrução, que se fazia acompanhar do Director Geral do Ensino Técnico, Engenheiro Nobre Guedes, e demais pessoal do seu gabinete, chegou ao Instituto Industrial pelas 15 1/2 horas, sendo aguardado pelo director do mesmo, engenheiro Arnaldo Monteiro de Barros, e por todo o pessoal docente e alguns professores de outras escolas do ensino tecnico e superior.

Depois dos cumprimentos do estilo, o sr. Ministro, acompanhado pelos presentes, dirigiu-se para as salas do 1.º andar onde se realisava a exposição, tendo examinado com bastante interesse todos os aparelhos expostos e assistindo também ao funcionamento d'algumas das máquinas, cujo bom trabalho elogiou.

O material adquirido que é dos melhores fabricantes nacionais e estrangeiros, compõe-se de grande número de objectos de vidro, porcelana, platina, microscopicos, balança de precisão, aparelhos de projecção e de fotografia, aparelhos de medidas electricas, um grupo electrogénio de 14 cavalos, destinado aos laboratórios de física, química, mineralogia e electrotecnia, e de algumas máquinas ferramentas para as oficinas de carpintaria e serralharia

O valor total dos fornecimentos feitos é superior a 100 000 escudos, que foram obtidos sem agravamento das verbas orçamentadas, porquanto pela reforma deste ensino decretada pelo sr. Dr. Gustavo Cordeiro Ramos, além duma melhoria consideravel nos serviços e duma melhor finalidade attribuida aos cursos professados nêstes Institutos, que traduziram num enorme aumento de frequencia, conseguiu o ilustre estadista uma economia real para o tesouro de cerca de 300 mil escudos, uma parte dos quais, S. Ex.ª com a compreensão nitida do valor que deve representar em Portugal o ensino técnico para o qual tem ido sempre uma boa parte do seu esforço de grande patriota e de pedagogo insigne, fez reverter a favor da compra de material didático

Depois visitou o Ministro algumas das dependencias do Instituto entre as quais o futuro laboratório de química analítica, em reparação, findo o qual S. Ex.ª se retirou do edificio, sempre com o mesmo cerimonial e depois do sr. Engenheiro Monteiro de Barros, em seu nome e no de todo o pessoal docente, ter agradecido penhoradamente a S. Ex.ª bem como ao sr. Engenheiro Nobre Guedes não só esta visita como o alto interesse que o Instituto tem merecido do Governo Ditatorial.

20:00

Este é o preço por que U.

Ex.ª tem UMA CANETA

com aparo de ouro 14 ka.

Havaneza de S. Domingos

15, Rua Barros Queiroz, 17

Concertam-se e vendem-se soltas todas as peças. Aparos, borrachas, tintas especiaes, etc. etc.



# A "Academia Portuguesa," em Viseu

Redacção Delegada—Calçada do Viriato, 13

REDACTORES: Antonio Loureiro Pinto  
Armando Barral Xavier da Fonseca  
Luís Miranda Poças  
Fernando Carvalho

COLABORADOR: Cristovão Moreira Figueiredo—prof. da escola Com.-Ind.

## Descobrimientos maritimos

Os descobrimientos marítimos dos séculos XV e XVI constituem um dos mais interessantes capítulos da história, que ninguém deve ignorar.

Antes de entrar a narrar êsses descobrimientos direi primeiro quais as causas que os determinaram. Gomes Eanes de Azurara, escrevendo a sua Crónica da Guiné, diz que foram cinco as causas que levaram o Infante D. Henrique a empreender as navegações e a mandar navios portugueses aos descobrimientos da costa Africana.

Era a primeira causa ignorar-se ao certo quais países e quais habitantes existiam para além do cabo Bojador.

A segunda consideração foi toda comercial, atendendo-se aos proveitos que haviam de seguir-se para este reino, de achar naquelas terras alguma povoação de cristãos ou alguns portos onde se podesse sem perigo fazer bom mercado.

Importava a terceira razão ao conhecimento que instava obter, de qual era e até onde chegava o poderio dos Mouros, que se dizia muito maior do que se pensava.

Assentava o quarto fundamento no desejo de encontrar algum príncipe católico, que, por amor de Cristo, o ajudasse contra os inimigos da Fé, na guerra que lhes movera durante 31 anos, sem auxílio do rei, nem de senhor de fóra de Portugal.

Era, finalmente, o quinto motivo o grande desejo que havia de dilatar a Santa Fé e trazer a ela todas as almas que se quisessem salvar, chamando-as ao grémio da Igreja e dando-lhes ingresso na religião cristã.

Não podemos deixar de acrescentar a estes cinco, algumas outras razões, que, se não foram as deliberativas, deviam contribuir poderosamente para decidir o Infante D. Henrique, em seus tão arrojados como aventureiros cometimentos.

E' claro que o ilustrado príncipe havia de ter notícia das navegações mais ou menos fabulosas, mais ou menos longínquas.

Nalgumas destas navegações se dizia haver sido costeadado todo o continente da Africa, passando as colunas de Hércules.

Devemos juntar ainda as antigas navegações dos portugueses, que segundo se dizia, tinham já no reinado de D. Afonso IV chegado ás ilhas Canárias ou antigas Fortunadas.

Uma das causas também, foi a chegada do Infante D. Pedro, a Veneza, onde residira por muito tempo.

Era então, no século XV, Veneza a cidade que distribuía por todos os portos do Mediterraneo os produtos da Asia e tinha as mais estreitas relações com o Egito e a Pérsia.

No ano de 1412 o Infante D. Henrique mandou os primeiros navios com ordem de costear a terra de Africa e, no caso de dobrarem o cabo, não passarem ávante.

Mas o Infante D. Henrique mergulhando a vista de águia nas profundezas do horizonte, viu que era necessário alcançar um porto que, servindo de base ás futuras operações, servisse igualmente para acolher os navios dos terríveis temporais que os assolassem no

caminho.

Ora o melhor lugar que o Infante descontinhou para todos os seus projectos foi Ceuta, mas como estava em poder dos agarenos, urgia conquistá-la, e esse grande acontecimento deu-se no ano de 1415.

Em 1418, Bartolomeu Perestrelo, descobriu uma terra, a que dá o nome de Pôrto Santo, em virtude do abrigo e repouso que ali encontra.

No ano seguinte João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira descobrem a ilha da Madeira e no ano de 1429 Gil Eanes, escudeiro do Infante dobra o cabo Bojador.

Mais tarde em 1431, encontra Gonçalo Velho Cabral uma das ilhas dos Açores, a que deu o nome de Santa Maria.

A estes descobrimientos seguem-se outros como sejam a descoberta do Senegal, passagem de Cabo Verde descoberta das ilhas de S. Tomé. Príncipe, Anão Bom e Formosa.

Em 1484 descobre Diogo Cão o rio Zaire. Mas el-rei D. João II ambiciona chegar á India e no ano de 1486 envia Bartolomeu Dias que dobra o Cabo da Boa Esperança.

D. João II morre e cabe essa grande glória ao seu sucessor, que envia Vasco da Gama, e descobre o caminho marítimo para a India no ano de 1498.

No ano de 1500 Pedro Alvares Cabral descobre as terras de Santa Cruz; e Fernão de Magalhães ao serviço de Fernando e Isabel—reis de Hespanha, faz a primeira viagem de circumnavegação.

João Vaz Côrte Real descobriu o novo mundo, a que chamaram América.

Os nomes de Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral e Magalhães são imortais, como o é também, esta pequenina Pátria que já se notabilizou pelas suas descobertas e conquistas.

Ligia Jorge Araújo Gomes.

### Ligia Jorge Araújo Gomes

Começa hoje a honrar a página viciense da «Academia Portuguesa» com a sua competentíssima colaboração esta distinta aluna do Liceu de Alves Martins de Vizeu.

Peço aos digníssimos directores a fineza de publicarem a seguinte carta:

Minha illustríssima colega:

Começo por cumprimentá-la enviando-lhe as minhas mais efusivas saudações.

Creia que me sinto profundamente orgulhoso, em conseguir que a minha prezadíssima colega nos honrasse com a sua insigne colaboração.

Talvez fosse de meu desejo elogiá-la com palavras bonitas, mas como elas sómente são peculiares a pessoas de fundos méritos, limito-me a escrever como testemunho do meu profundo reconhecimento duas palavras, que, embora sejam revestidas da máxima simplicidade, encerram um principio santo: a sinceridade.

Aproveito a oportunidade para dizer á minha illustríssima colega, que terei imenso prazer em a ver continuar a colaborar neste simples jornaleiro da «Academia Portuguesa».

Enviando-lhe os mais respeitosos cumprimentos, subscreve-se o colega muito dedicado,

Luiz Miranda Poças.

Viseu, 7-2-933.

## Mocidade Portuguesa

São inumeros os artigos publicados em vários jornais para despertar a mocidade portuguesa do grande e profundo sono em que dorme.

Enquanto as mocidades europeias já andam levantadas há muito tempo, (isto desportivamente falando) do leito da indolência e da iniciativa desportiva, nós os portugueses continuamos a dormir, á sombra da luz deste Sol, tão maravilhoso, tão belo, cujos raios estão mesmo a pedir braços e peitos moços para tostar.

Cotinuamos a dormir neste leito cujo colchão está cheio de indolência, e de vez em quando, lá olhamos para o despertador que de vêr tanta indolência, na sua frente, parece que se envergonha de acordar aquêl portuguez de quem êle tanto ouviu falar na Suissa, na Belgica, em Inglaterra, como donos duma energia, que quasi os diferenciava de qualquer outro povo europeu, está ali na sua frente, a dormir, com a janela bem fechada, porque algum raio de Sol atrevido, lhe vá tostar o nariz.

O que fariam os ingleses esse maravilhoso povo que é a nação mais desportiva do mundo, com este Sol, que nós temos espalhado por aí fóra ás mãos cheias?

Sol de Portugal, que cobres a mocidade portuguesa, esconde-te, deixa-te de aquecer esta melindrosa mocidade para ver se ela desperta do sono de que tu és causador.

Esconde-te por pouco tempo, para despertares depois essa mocidade que é capaz de congelar o sangue nas veias do que procurar o desenvolvimento, aquecendo do corpo, do espirito, da saúde e da alma.

Lembra-te que estás a eluminar uma das mais relaxadas mocidades do continente Europeu. E tu portuguez que vives á sombra de factos passados, na nossa gloriosa história, não deves deixar escrever a ninguém estes factos que te envergonham.

José Alves Madeira.

## Os obeliscos egipcios

Parece que os obeliscos serviam nos tempos primitivos para encimarem as piramedes, que nós hoje vemos truncadas. Mas posteriormente erigiam-se outros que eram colocados nos jardins, defronte dos palácios e dos túmulos dos senhores ricos e nobres. Eram colocados dois a dois, um á esquerda e outro á direita do atrio dos palacios e dos templos ou ao lado dos túmulos.

O uso dos obeliscos tornou-se vulgar, quando os faraós, fazendo-lhes perder o caracter religioso, os usavam como colunas dos seus triunfos e glórias.

No recinto da antiga catedral de Tebas—templo de Ammon-Ra—vêm-se ainda dois obeliscos de pé, entre os fragmentos dos que jazem por terra. Os obeliscos nas esculturas das grandes piramedes são coroados por uma esfera solar. Há mesmo quem suponha que os obeliscos primitivos, eram encimados por uma esfera de ouro.

Os obeliscos tinham muita importancia em consequência das suas inscrições, legendas e hieroglifos. Quasi todos os obeliscos são de granito vermelho, mais ou menos claro, alusão, diz Plinio, aos raios do sol a que eram dedicados.

A. L. Pinto.

## Gremio Alberto Sampaio

Por especial deferência, para com o nosso jornal, é franqueada a livre entrada neste grémio aos componentes da nossa Redacção-Delegada em Viseu, mediante a apresentação do cartão por nós fornecido.

Muito penhorados apresentamos á Ex.<sup>ma</sup> Direcção daquelle grémio os nossos agradecimentos.

## FRANCES

Pronto a falar em sete semanas

inglês, latim, curso geral dos liceus,

cada 35\$00, trad. Fréchu

R. da Rosa, 177, 4.-E.—LISBOA



Redacção e Administração:

Av. Almirante Reis, 121

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:  
**ABEL DOS SANTOS**

Redactor Principal—José Francisco Viegas

Comp. e Imp. na «Tipografia Aguedense»  
Rua da Venda Nova—AGUEDA**ACADEMIA PORTUGUESA**

FILIADO NO SINDICATO DA IMPRENSA PORTUGUESA

N.º avulso, \$50—5 núm., 2\$50—12 núm., 6\$00—25 núm., 12\$00—52 núm., 25\$00

## Uma idea em marcha...

Do setentrião ao meio-dia do nosso Portugal, as capas negras dos estudantes agitam-se festivas, ao tilintar dos sinos, anunciando alegremente que, dentro em pouco toda a nossa juventude dispersa se irá reunir. Avista-se para breve a realização dum grande Congresso Académico.

Semente lançada pela Academia Portuguesa ao terreno fértil da mocidade das escolas, aqui e além já surgem rebentos para formarem um campo, onde o Sol venha pôr fulgos dourados sobre a cultura que desponta.

Foi lá do extremo da nossa terra, em Faro, que, com a Alma Académica, Guilherme da Cunha já mostrou, á gente nova das escolas algarvias, a urgência de solucionar alguns problemas da nossa actividade de estudantes.

Agora, é o Académico de Vila Real de Traz-os-Montes e pela pena de Eurico Machado, seu competente director, que incita a briosa academia nortenha a pugnar heroicamente, sofregamente, sem desanimos, para que a nossa idea caminhe.

E nós cá estamos prontos sempre, alerta a todas as horas, ouvido á escuta, cérebro a trabalhar descortinando ideas, preparando iniciativas.

Nem doutra maneira podemos compreender que, o nosso plano fôsse recebido por parte da academia, pois se ela representa um todo potentoso.

A massa académica tem o direito de proclamar o que quer. Quem nos rege tem o dever de auscultar as nossas aspirações. Elas são justas e ordeiras. Elas têm por ideal uma nobre missão, provadas como são, por um conjunto de novos que, se afasta de todos os casos mesquinhos, para somente combater pelo que lhe é legítimo.

Aqueles que, dentro da nossa classe, se afastem ou procurem rodear de pessimismo a realização do Congresso Académico, são indignos de terem o nome de estudantes.

Negamos-lhes o direito de se considerarem como tais. Simplesmente empatas, tranças perniciosas a fecharem as portas que nós queremos abertas, eles para aí ficam sem valor, incognitos, adormecidos....

Portugal tem presentemente uma falange de gente nova cheia de brio e vontade de trabalhar. As horas voam, os dias correm e as noites tombam umas sobre as outras, e o nosso pensamento, numa vertigem ainda maior, galga tudo, numa ansia eloquente de dar á nossa pátria novos homens e cerebros mais amplos. Nada mais nos move nesta luta insana.

No estrangeiro a vida académica é diferente da nossa.

Volta não volta celebra-se um Congresso Internacional de estudantes, onde as nações enviam orgulhosas os novos, confiadas de que, a sua representação, está bem entregue.

Entre a França e a Belgica há uma permuta de rapazes escolares, com o fim de estreitar a amizade dos dois paizes. E os embaixadores marcham, senhores graves e responsáveis dos seus actos, certos de que cumprem uma missão elevada.

Quem vê nesses factos qualquer coisa de mau?

Quais os estudantes que tendem a entrar a realização desses Congressos?

E nós portugueses que, como nunca, temos um desejo de erguer a nossa terra á culminância que as outras já alcançaram, queremos também levar ávante o nosso projecto.

Não receiem, que não iremos lá discutir política. Não temam, que não temos em vista armar a desordem no seio da nossa academia.

Vamos, sim, levar para o Congresso, assuntos importantes, problemas do momento académico.

A tão discutida questão das Associações Académicas, que ainda não foi solucionada; o caso do uso da capa e batina; levar a efeito nos liceus e nas Faculdades exposições artísticas; chamar e mostrar logo desde muito cedo o que valem os rapazes que trabalham —eis tão poucas, de tantas e tão boas coisas que se pode tratar nessa magna reunião.

Ela terá, ainda mais, como fito reunir, para ficar galvanizada, a multidão de estudantes que se conhecem apenas através os periodicos. Ficaremos mais íntimos, mais em contacto, mais fortes para lutarmos sempre pelo que nos pertence. E então o abandono, a que nos têm votado, o desprezo e a maneira áspera como temos sido recebidos e mimoseados cessará; pelo menos começa a conhecer-se que nós não somos apenas crianças, mas, sim pessoas conscientes dos nossos actos.

E ficarão também sabendo que, os académicos, são um conjunto de cérebros que, num clamor unísono pretendem apenas que olhem com atenção para o que lhes é devido. E nada mais queremos. E nada mais ambicionamos.

Se contrariarem as nossas pretensões, elas, cada vez, acumular-se-ão mais, aumentarão, até que se lhes dê a solução devida.

Mas o nosso jornal, Academia Portuguesa, não desanima. Luta com entusiasmo. Propugna pela sua idea. Hoje não pode desistir porque tem a colaborar na sua obra os outros jornais académicos.

Aqui e além crescem rebentos da semente lançada em tão boa hora.

As capas negras dos estudantes, já se desfraldam ao vento alegres e vistosas, saudando a pátria, por quem lutam.

A academia prepara as suas galas para solenizar em pouco a sua ambição:—O Congresso Académico.

E o nosso jornal sente-se radiante, por vêr como, não foi em vão, que veio á publicidade, com o fim de defender os legítimos interesses dos estudantes.

### “Outro Ritmo,”

E' o titulo duma nova revista mensal, dirigida e editada por um grupo de rapazes dos liceus do Porto, que dentro de poucos dias vai iniciar sua publicação.

Desejamos-lhe as melhores prosperidades, tanto mais que, nesta hora, os jornais académicos aumentam na proporção em que os leitores escasseiam.

## Os estudantes da Faculdade de Letras

Há muito que, professores e alunos se queixam das pessimas instalações da Faculdade de Letras de Lisboa. Finalmente, decidiram-se a levar as suas queixas a quem de direito. Estão organizando uma representação, para que lhes seja dada uma instalação condigna, ou pelo menos, que os tirem daquela pardieiro conventual, sem largueza, sem conforto e sem arranjo. Basta dizer que a melhor sala—a sala de festas—tem apenas a porta e uma janela para um corredor.

Urge agora perguntar, para onde irão os estudantes da Faculdade de Letras?

Fala-se em cidade Universitária e enquanto essa utopia se não realiza, impõe-se a aproximação da Faculdade de Letras da de Direito. As duas ficariam assim proximas da de Medicina, no campo de Sant'Ana.

O Ministério da Instrução tem o seu lugar no Terreiro do Paço, junto dos outros ministérios; e o torel está deslocado, oferecendo-nos, dia a dia, a camionete que transporta os presos, um espectáculo vergonhoso.

No ministério da Instrução ou no torel, depois duma ligeira adaptação, teria uma instalação condigna e o lugar próprio a Faculdade de Letras de Lisboa.

As dependências em que actualmente está instalada, servem para arquivo, depois dos tectos devidamente reparados.

Não desanimem os colegas de Letras na sua justa pretensão.

### Dr. Mário de Alenquer

Pedimos a todas as associações académicas e estudantes das escolas de Lisboa que se incorporem no funeral do professor Dr. Mário de Alenquer que, vindo de Paris, deve chegar a Lisboa nos primeiros dias de Março, devendo o pré tito fúnebre realizarse em seguida para um dos cemitérios da capital.

### Novo Redactor Delegado

A convite da Direcção da Escola Commercial de Ferreira Borges aceitou o cargo de redactor-delegado do nosso jornal, naquela escola da capital, o colega, Inácio de Barros, a quem já tivemos o prazer de, por esse facto, cumprimentar na nossa Redacção.

### DE LUTO

Pela morte de sua irmã, está de luto o nosso valioso colaborador e venerando mestre, o sr. Dr. Jardim de Monte-São, a quem apresentamos sentidas condolências.

### CURSOS DOS LICEUS AULAS INDIVIDUAIS

Explicações a alunos do liceu, responsabilizando-se pelo aproveitamento.

R. Campo de Ourique, 174